

a paixão russa de destruir

georges nivat*

“O anarquismo é principalmente uma criação dos russos”. Assim começa, em *l’Idée russe*,¹ a reflexão de Nicolas Berdiaeff sobre o que ele chama de paixão russa de destruir. Uma paixão teorizada e colocada em prática no século XIX pela classe superior russa, ou seja, a nobreza. Bakunin, o príncipe Kropoktin, ou ainda o conde Leon Tolstoi criaram todo um corpus de textos que é um catecismo do anarquismo, e que se transformou em uma verdadeira poética da anarquia.

É claro que, antes deles, os anarquistas e suas idéias não eram estranhas ao povo russo, e tinham gerado toda uma lenda popular em contraponto à história oficial do Império. Podemos mesmo dizer que a crônica lendária das revoltas, dos salteadores, e das inúmeras *jacqueries*,² formavam uma espécie de contra-história da Rússia. Aos

* Professor emérito na Universidade de Genebra, publicou *Vers la fin du mythe russe* e *Russie-Europe, la fin du schisme*. Lausanne, Ed. L’Âge d’Homme, 1988; *Impressions de Russie, l’an I*, e *Regards sur la Russie de l’an VI*. Paris, Ed. De Fallois, 1993.

salteadores precipitando-se em hordas a partir do Leste, juntavam-se os cismáticos de todo tipo que fugiam da Rússia central, entre os quais o proto-papa Avvakoum. Ditada a seus discípulos do fundo de sua prisão de gelo de Poustozersk, sua notável *Vida*, traduzida magnificamente para o francês por Pierre Pascal, mostra muitos aspectos de um anarquista em nome de Deus.

Bakunin foi um senhor russo da têmpera de Avvakoum. Para ele, os vilarejos russos, com sua tradição de comunismo primitivo, ou seja, o comunismo da comunidade do mir,³ deviam incendiar toda a Europa burguesa, passando pelos camponeses do Jura suíço ou da Calábria italiana. Aos olhos de Bakunin, Marx era apenas um pan-germanista hegeliano. O estágio último da humanidade chama-se revolta. Em 1842, Bakunin termina seu ensaio sobre a *Reação na Alemanha*,⁴ e lança sua divisa da “paixão pela destruição”, uma paixão que, para ele, é “o único caminho em direção ao verdadeiro cristianismo.” Aliás, aquele hegeliano, que vê na *contradição* um “conceito total, absoluto, verdadeiro”, também faz apelo ao Apocalipse, que condena severamente os Mornos. “Confiemos no eterno espírito que destrói e que aniquila, simplesmente porque ele é a fonte insondável e eternamente criadora de toda vida.” Pois a paixão da destruição é também uma paixão criativa. Em seu livro *Deus e o Estado*, Bakunin ataca a religião estabelecida, assim como a ciência e os positivistas. “Se Deus existisse, seria preciso aboli-lo”, ele declara, invertendo ironicamente a fórmula de Voltaire. Quando um chefe de Estado fala de Deus, monarquista ou republicano, “podem ter certeza que está pronto para tosar um pouco mais seu povo rebanho.”

Alexandre Herzen deixou-nos um belo retrato de Bakunin, em um capítulo de suas memórias, *Passado*

e meditações,⁵ mas ele não se refere, por uma razão evidente, a um episódio muito estranho da vida de Bakunin: o da *Confissão*. Bakunin havia inquietado muito particularmente o poder czarista ao dominar o famoso Congresso eslavo de Praga, convocado em 1848, para anunciar a liberação dos povos eslavos do jugo dos déspotas. Vinda a reação, ele foi entregue às autoridades czaristas pelo governo suíço da época. Passou três meses preso em fortalezas, primeiro em Pedro-e-Paulo em São Petersburgo, depois na antiga fortaleza sueca de Shlasselbung. Foi lá que ele redigiu, de sua própria iniciativa, a propósito de seu carcereiro-chefe, o Imperador Nicolau I, uma surpreendente *Confissão*, que só foi publicada em 1923, na Rússia soviética, satisfeita em golpear o prestígio dos anarquistas com essa publicação. Nesse documento, ele professa a propósito do czar, “carrasco dos povos”, um ódio comum pelo Ocidente burguês, e o imperador deve ter lido com prazer (anotado de seu próprio punho): “Penso que, mais na Rússia que em outros lugares, é preciso haver um poder ditatorial forte, preocupado unicamente em educar e esclarecer as massas.” Mais tarde, tendo escapado da Sibéria, Bakunin instala-se na Suíça, em Genebra, onde exerceu uma forte influência sobre os anarquistas suíços, principalmente do Jura. Ele também se rendeu ao encanto ambíguo de um jovem cínico vindo da Rússia, que chegou a Genebra em 1869, Nietcháiev, o famoso autor do *Catecismo revolucionário*,⁶ que prega uma organização fechada da conjuração revolucionária e uma abjuração total de qualquer consideração moral na escolha dos meios. Foi transposta a passagem teórica da anarquia à ditadura absoluta. O crime também compareceu para selar a equipe dos conjurados: o assassinato do estudante Ivanov em Moscou, que se tornou, nos *Demônios* de Dostoievski, o assassinato de Chatov pelo grupo de Piotr Verkhovenski.

A luta ou a fuga

Assim, o *Catecismo revolucionário* enunciava no parágrafo sexto: “Duro para consigo mesmo, o revolucionário também deve ser duro com os outros. Todos os sentimentos de ternura que tornam o homem efeminado, como os laços de parentesco, a amizade, o amor, a gratidão, e mesmo a honra, devem ser sufocados pela paixão única e fria pela causa revolucionária.” Foi só a contragosto que Bakunin abriu os olhos para os aspectos inquietantes e mesmo pérfidos de Nietcháiev. Sua longa carta de ruptura enviada de Locarno em dois de junho de 1870 (e publicada pelo historiador Michael Confino) é notável pelo sentimento de constrangimento e de pusilanimidade do autor da carta, um nobre russo libertário, ainda embaraçado em suas noções de honra, mas fascinado por um louco saído do povo. Nessa longa declaração de amor frustrado, Bakunin afirma: “Se fosse preciso escolher entre a bandidagem e o roubo daqueles que ocupam o trono, e o roubo e a bandidagem do povo, sem hesitar eu me colocaria ao lado desse último.” A ditadura será coletiva e invisível. “Pequenos grupos não desejando nada para si”, conduzirão o oceano popular desenfreado para “a organização da mais completa liberdade popular”.

O príncipe Kropotkin, outro grande anarquista, conta, em suas *Notas de um revolucionário*, que o irmão do czar Alexandre II veio visitá-lo na sua cela da fortaleza Pedro-e-Paulo. Dirigia-se a ele chamando-o de “príncipe”, e tinha dificuldade de entender o engajamento de Kropotkin. O príncipe conheceu muitas outras prisões, entre as quais a de Lyon em 1882, após a explosão do café Bellecour. Tanto na França como em outros lugares, ele se via rodeado de um enxame de agentes da polícia secreta czarista, a Okhrana. Kropotkin conheceu todos os dramas do anarquismo russo: a “*degoevtchina*”, do nome de

um anarquista recrutado pela Okhrana e que foi obrigado por seus camaradas a assassinar, em 1883, um chefe da polícia; o “*azeftchina*”, do nome de Azef, sem dúvida um agente da Okhrana, mas que, para se fazer confiar por seus camaradas, tinha assassinado o ministro do interior Plehvê; e finalmente a “*bogrovitchina*”, do nome de um revolucionário, colaborador da Okhrana que, em 1911, no Grande Teatro de Kiev, na presença do Imperador Nicolau II, assassinou a queima-roupa o Primeiro ministro Stolypine, numa decisão individual (Soljenitsin transforma-o em episódio central de seu romance histórico *Agosto 14*). Os estragos do “entrismo” dos terroristas do partido socialista revolucionário na polícia secreta (e vice-versa) foram enormes. Consultado freqüentemente nesses episódios de duplas lealdades ambíguas, o velho príncipe acreditava que os fins não justificavam todos os meios, e condenava esse “entrismo” fatal. Mas ele foi derrotado pela lógica perversa dos dois inimigos. Andrei Biély consagrou seu grande romance *Petersburgo* a uma descrição poética e policial dessa extraordinária confusão do terror e da repressão secreta, ao longo episódio da Provocação que marca a época anarquista da Rússia. Como em seu romance, uma bomba tiquetaqueava no ventre do país, que prendia a respiração...

O debate sobre a utilização ou não da violência na instauração de uma anarquia a serviço da felicidade de todos assumiu na Rússia um relevo particular. Aos terroristas da Vontade do povo que abateram o czar libertador Alexandre II, no dia em que ele tinha sobre sua escrivaninha o projeto de uma Constituição de seu ministro Loris-Melikov, depois aos combatentes do Partido dos socialistas revolucionários que exterminaram os dignatários (como se vê no relato patético de Leonid Andreev, *O Governante*), opôs-se o conde Tolstoi, que pregava uma outra anarquia. Tolstoi abominava da mes-

ma forma o regime czarista, e não era menos odiado por ele, mas ele era o apóstolo da não-violência, que retirava do ensinamento do Evangelho. Em seu romance *Ressurreição* (1899), Tolstoi retratou revolucionários na prisão. São eles que educam Katioucha, a prostituta vítima de um sedutor, e falsamente acusada de um crime. O estudo dos rascunhos de *Ressurreição* mostra quanto, na primeira redação, Tolstoi era mais severo com os revolucionários. Ele vê na sua ação o resultado de pulsões sexuais insatisfeitas... Na versão final, atenua um pouco essa tese, mas ainda permanece uma forte condenação do recurso à violência revolucionária. O príncipe Nekhlioudov, o sedutor de Katioucha, encontra, atravessando o rio Ienisseï, um adepto da seita dos “*begoun*” ou seita dos fugitivos. Recusa do imposto, recusa do sorteio para o recrutamento militar, e mesmo recusa do estado civil, o *begoun* recusa-se a dizer seu nome. Sente-se que Tolstoi admira profundamente o modo de vida desses fugitivos e enxerga aí uma solução plausível para a violência, solução que ele irá adotar *in extremis*, fugindo de sua casa para ir morrer numa pequena estação anônima, em Astapovo.

Os negros e os vermelhos

O anarquismo foi um componente da revolução russa que a historiografia soviética naturalmente minimizou, e mesmo mascarou. No *Journal de Russie* de Pierre Pascal,⁷ que fundou em Moscou o grupo bolchevista francês, vê-se que os anarquistas estão muito presentes. Ele mesmo tinha dois amigos anarquistas italianos que vieram para Moscou, e juntos eles fundaram uma espécie de comuna, numa vila requisitada de Ialta. Ali discutiam à exaustão para decidir se tinham o direito de ter um caseiro para o inverno, ou

Paixão russa de destruir

seja, se era certo recorrer a um trabalho alugado, ou em outras palavras, à exploração do homem pelo homem... A bandeira negra dos anarquistas flutuou uma última vez nas ruas de Moscou no funeral de Kropotkin, em 1921.

Nestor Makhno, por sua vez, morreu em Paris. Brutal, incendiário, ele reuniu em 1917, na Ucrânia submetida aos alemães pelo tratado de Brest-Litovsk, um exército de quase quarenta e cinco mil homens sob a bandeira negra. Suas façanhas guerreiras impressionaram Lênin. Kiev, às voltas com a guerra civil, mudava de mãos a cada mês. A anarquia varria vitoriosamente as ricas terras do *tchernoziom*. Makhno recusava a lei, o regulamento, a justiça. Cabia ao povo aplicar soberanamente a justiça, fora de qualquer lei escrita. Makhno foi pouco a pouco sendo vencido pelo Exército Vermelho, Kiev foi libertada de seu *ataman*⁸ nacionalista Petlioura. No romance *A Torrente de ferro*, Serafimovitch mostra como a massa anarquista dos *partisans* conseguiu pouco a pouco se autodisciplinar e, em suma, se bolchevizar. A literatura soviética passa assim, pouco a pouco, ao elogio da vida elementar, à celebração da vontade dos homens em vestes de couro e de punho inflexível: os comissários.

Duas semanas após os funerais de Kropotkin em Moscou, Kronstadt e seus marinheiros vermelhos se sublevavam contra a ditadura dos bolchevistas, e os marinheiros socialistas e anarquistas lançavam seu famoso SOS para o mundo inteiro. Trotski veio retomar a ilha revoltada graças à cavalaria vermelha. A ditadura do proletariado estrangulava a velha liberdade anarquista russa, nascida nos caminhos do bandido Stenka Razine, o velho sonho da justiça popular e direta.⁹

“Abre-te, abismo sangrento,

E na plenitude do ser,

Diante do povo, o mundo e as estrelas

*Que brilhe a tua justiça!*¹

Maximilien Volochine, 5 de janeiro de 1923.

Tradução do francês por Martha Gambini.

Notas

¹ Nicolas Berdiaeff. *L'idée russe. Problèmes essentiels de la pensée russe au XIXe. et début du XXe. siècle.* Tradução e notas de H. Arjakowsky. Paris, Ed. Marne, 1969.

² Diz-se das insurreições dos camponeses contra a nobreza.

³ O mir é a comuna camponesa.

⁴ O livro foi publicado sob o pseudônimo de Jules Elysard.

⁵ Alexandre Herzen. *Passe et méditations.* Tradução e apresentação de Daria Olivier. Lausanne, Ed. L'Âge d'Homme, 1974.

⁶ Os principais documentos que permitem avaliar a amplitude do domínio que Nietcháiev exerceu sobre Bakunin foram publicados pelo historiador Michael Confino em *Cahiers du monde russe et soviétique.* Paris, Ed. Mouton, La Haye, 1966-1967.

⁷ Pierre Pascal. "Mon Journal de Russie, 1918-1921", in *Communisme.* Lausanne, Ed. L'Âge d'Homme, 1977.

⁸ Diz-se do chefe eleito dos clãs cossacos, na época de sua independência.

⁹ Cf. Ante Ciliga. *L'Insurrection de Cronstadt et la destinée de la révolution russe.* Paris, Ed. Allia, 1998. Esse curto texto, escrito por um comunista desencantado, foi inicialmente publicado na revista de Boris Souvarine, *Le Contrat social.*

RESUMO

Uma genealogia do anarquismo russo, enfatizando os percursos de Bakunin, Kropotkin, Tolstoi e Makhno, frente à Rússia do século XIX e começo do XX e no interior do próprio anarquismo. Delineiam-se a idéia de revolução, ou a paixão por destruir, assim como o anarquismo pacifista, como respostas contundentes, e não conciliadoras, diante da ordem estabelecida.

Palavras-chave: Anarquismo, Rússia, revolução, terrorismo.

ABSTRACT

Genealogy of Russian anarchism, privileging Bakunin, Kropotkin, Tolstoi and Makhno's journeys in the Russian context of the 19th Century and beginning of the 20th and inside anarchism itself. It delineates the idea of revolution, or the passion for destruction, as well as the pacifist anarchism, as firm, and not conciliating, answers for the established order.

Keywords: Anarchism, Russia, revolution, terrorism.

Indicado para publicação em 25 de junho de 2005.